

SOBRE A POSSIBILIDADE DE ENSINAR E APRENDER: UM CONTRAPONTO ENTRE PLATÃO E JOÃO AMÓS COMÊNIO

Kelvin Custódio Maciel*
Mateus Gabardo Lemos**

Resumo: O artigo tem como objetivo compreender as relações entre Platão e Comênio no que se refere à possibilidade e aos modos de ensinar e aprender. Tanto Platão como Comênio veem a educação como principal forma de desenvolver o ser humano. Para isso, levam em conta a formação integral do mesmo, não se limitando à parte técnica e nem a pura transmissão de informações, mas o seu ser em geral. Ambas as propostas de ensino são resultantes da maneira como entendem o ser humano, e a capacidade que este tem de aprender. É possível ensinar tudo a todos? O que esses dois importantes teóricos da educação podem nos auxiliar numa análise crítica da educação contemporânea?

Palavras-chave: Comênio. Educação. Ensinar-aprender. Platão. Ser humano.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo comprender las relaciones entre Platón y Comenius lo que respecta a la posibilidad y formas de enseñar y aprender. Tanto Platón como Comenius ver la educación como la principal forma de desarrollar el ser humano. Para ello, tiene en cuenta la formación integral de la misma, no se limita a la parte técnica y no la transmisión pura de información, pero su ser en general. Ambas propuestas de enseñanza son el resultado de la forma en que entiende el ser humano, y la capacidad que tiene que aprender. Se puede enseñar todo a todos? Lo importante en estos dos teóricos de la educación nos puede ayudar en el análisis crítico de la educación contemporánea?

Palabras clave: Comenius. Educación. Enseñar-aprender. Platón. Ser humano.

Introdução

Educação refere-se primeiramente ao desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, uma vez que este não nasce totalmente pronto e acabado, mas precisa encontrar no mundo

a sua completude e sua realização. A questão é que falar de tal tema, principalmente no Brasil, é trazer à tona um dos problemas mais emergentes na contemporaneidade. O Aumento incontrolável de “analfabetos funcionais”, termo criado pela UNESCO (organização das nações unidas para a Educação, Ciência e Cultura), para referir-se as pessoas que mesmo sabendo ler e escrever algo simples, não possuem as habilidades necessárias para viabilizar o seu desenvolvimento pessoal e comunitário não conseguem escrever, articular ideias, desenvolver reflexões em alguns parágrafos na forma de redação, para tais concursos ou sistemas de avaliações. Além disso, vê-se claramente, nas redes de ensino brasileiro, alunos desin-

* Mestrando em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB/CAPES), na linha de pesquisa Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais. Concluiu o Bacharelado em Filosofia pela Faculdade São Luiz (2013). Trabalha com pesquisas em Educação e Filosofia, na área de Filosofia da Educação. Atualmente, é Integrante do corpo editorial do periódico: Atos de Pesquisa em Educação (FURB). E-mail: kelvin.sedi@gmail.com.

** Possui graduação em Filosofia pela Faculdade São Luiz (2013), de Brusque. Tem experiência nas área de Filosofia e Educação, com ênfase em Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ética e teologia.

interessados, professores incapacitados, e pouco preocupados com uma formação global do ser humano. Mas então como reverter essa situação? Será possível encarnar as reflexões filosóficas da educação na tentativa de encontrar respostas para as problemáticas que afetam o ensino e a aprendizagem hoje?

Sendo assim, com um olhar filosófico sobre a realidade da educação, destacam-se dois pensadores, situados em dois distintos períodos da história: Platão (428/427 a.C.) e João Amós Comênio (1592) que deixaram profundas influências no mundo com suas propostas educacionais. Platão, ateniense nascido no período antigo da história, é considerado por alguns como um dos primeiros a encarar a educação como uma formação global do homem. Através de seus escritos, é possível perceber princípios e diretrizes de um projeto filosófico-pedagógico que tinha como objetivo fornecer ao homem grego e à vida social na cidade-estado, uma formação ética e política, afinal, segundo o filósofo, tanto o cidadão quanto a *polis* formam-se e determinam-se juntos.

Amós Comênio, pensador nascido no século XVI, é conhecido como o pai da pedagogia moderna, por ser o primeiro a instituir a educação como uma ciência sistemática. A Didática, conhecida como a arte de ensinar, adquire com Comênio, sua sistematização concreta, com o qual apresenta em seus escritos, um ideal pansófico que permite a possibilidade de se ensinar tudo a todos.

Nesse sentido, embora ambos os autores abordam a possibilidade de ensinar olhando para os problemas da educação em contextos distintos, é possível perceber se-

melhanças e diferenças em suas propostas educacionais. Utilizando-se do método bibliográfico, foi possível estabelecer atravessamentos entre tais teorias, e perceber as diferenças, os pontos em comuns, e as contribuições para pensar a educação na contemporaneidade.

A educação segundo Platão

O ser humano por natureza é um ser de relação, que construiu formas de culturas e organizações que demonstram a complexidade de sua vivência, e que se tornam objeto de estudo de muitos filósofos desde o início da história da humanidade. Ora, dentre esses temas, há àqueles que sempre são motivos de novas investigações, como aquele que envolve diretamente o ser humano desde o seu nascimento: a educação.

Um filósofo que se debruçou para tentar responder à essas inquietações e buscar clarear o modo como se entende a educação, é Platão. Ora, adentrar no pensamento educacional de um filósofo que viveu nos anos 427 e 347 a.C., não significa desenterrar fósseis de pensamentos passados, pois o pensamento platônico possui permanente atualidade e continua sendo alvo de numerosas discussões e interpretações.

Como destaca Jayme Paviani, “Platão possui a vocação de ser Escritor e professor” (cf. TEIXEIRA, 1999, p. 7), pois basta observar o estilo e os processos dialéticos de seus escritos, através de um sistema da pergunta e resposta, para perceber essa característica marcante de Platão. Desse modo, seus diálogos oferecem, de maneira intrínseca, uma “filosofia e uma pedagogia indissolúveis” (PAVIANI, 2008, p. 23). Porém, vale destacar que o objetivo principal de

Platão é fornecer ao homem grego e à vida social na cidade-estado, uma formação ética e político. Pois, segundo o filósofo, tanto o cidadão quanto a *pólis* formam-se e determinam-se juntos.

Além disso, outra característica, importante, que se distancia dos sofistas, é o fato de que Platão não ensina filosofia propriamente dita, mas sim “[...] procura dialeticamente a verdade” (PAVIANI, 2008, p. 24). Pois filosofia é matéria enquanto que o filosofar é forma, um método. “O filosofar implica [...] desenvolver argumentos, conduzir processos dialéticos do conhecimento e, ainda, tomar decisões, definir condutas, estabelecer modos de viver, assumir visões do mundo” (PAVIANI, 2008). Pode-se concluir com isso que uma das características fundamentais do pensamento platônico consiste na valorização do filosofar e não do estudo da filosofia como disciplina escolar.

Tanto a filosofia de Sócrates como a de Platão, apresentam como pano de fundo, uma proposta educacional. Ora, para tanto, eles divergem dos ideais dos sofistas, e implantam o seu próprio modelo. Porém, *a priori* a pergunta sobre que tipo de educação dar aos jovens deve-se questionar que tipo de homem ensinar e para qual sociedade.

Como se sabe, Platão sofreu muita influência do seu tempo principalmente no desejo da política, como ele mesmo relata na sua *carta VII*. Mas, mesmo não seguindo o ramo da política, um resquício do desejo permaneceu, e um sonho de uma sociedade ideal foi criado, sendo transmitido através d’*A República*.

O projeto educacional de Platão, nesse sentido, foi pensado baseando-se nesse es-

tado ideal, que logicamente teria de ser diferente dos ensinamentos retóricos dos sofistas. Tal proposta educacional, não se baseava mais, simplesmente nos bons hábitos e costumes; dos pais para os filhos; aprender música, ginástica e seguindo o que é considerado bem ou mal. Ensinar não se tratava apenas de formar a alma através da imitação, da memorização. Eis então a principal diferença entre os sofistas e Platão: uma educação problematizada, sendo colocado sob suspeita juntamente com todo o seu sistema. Agora a educação não se trata apenas de ensinar ideias chaves, para que o educando saiba se sair bem em qualquer discussão a qual é questionado, mas, em buscar o que é o bom, o justo, e principalmente aquilo que é verdadeiro. “Para ele existe uma boa e uma má educação” (PAVIANI, 2008, p. 45).

Sempre aspirando a verdade, um outro ponto essencial seria o ideal de sociedade, pois é a partir desse ideal que se formará o homem. Porém, como afirma Jaeger, a ideia de um Estado perfeito, não era nova em si (cf. JAEGER, 1995, p. 754). Era uma característica clara dos gregos, que em todas as artes, assim como os ramos das ciências, se buscasse a perfeição, e se desprezasse aquilo que estava imperfeito. Ora, assim como todas as artes, a política não poderia ficar de fora. Logo, mesmo com severas punições, não era o suficiente para reprimir por completo a fantasia social de um estado que poderia atingir seu grau máximo. “Principalmente as condições sociais eram, há vários decênios, objetos de apaixonadas especulações” (JAEGER, 1995). Até mesmo os velhos poetas haviam representado, em situações caóticas, algumas

ideias sobre um estado ideal. Assunto este que fora mais investigado pelos sofistas, antes de Platão, onde apresentavam ideias concretas sobre tal assunto.

Para tentar desenvolver um esquema do pensamento político e pedagógico da antiguidade helênica, Platão em *As Leis*, parte dos poetas para chegar na determinação de duas formas que parecem representar, a totalidade da cultura do seu povo. E estas formas seriam o Estado militar espartano e o Estado jurídico da Jônia. Ambas as formas se fundem em Atenas durante os séculos V e IV a.C., a vida real do Estado de Atenas recebe a influência do influxo decisivo do ideal jônico, enquanto que na esfera espiritual a ideia espartana de uma regeneração ocupa espaço significativo (cf. JAEGER, 1995, p. 117). Nesse sentido, o ideal platônico da formação, seria uma fusão jônico-ático, dentro de uma forma democrática, de um “Estado regido pelo direito” (TEIXEIRA, 1999, p. 28).

No que diz respeito a educação platônica, Esparta foi o grande modelo, em muitos aspectos. Tais ideias de formação não tiveram tanto progresso nos séculos posteriores, devido ao grande individualismo, grande problema social da educação nos séculos seguintes, no qual a contribuição ao Estado não tinha como fim o bem comum, mas como um meio para se obter vantagens pessoais.

Assim como sua filosofia, a pedagogia de Platão se baseia na teoria dos dois mundos: o mundo das ideias e o mundo das sombras. Tal teoria diz que no mundo das ideias, onde se encontra a verdade, os homens conheciam todas as coisas na sua essência, e ao cair ao mundo das sombras que

seria o mundo sensível, os homens acabaram em um esquecimento de tudo aquilo que sabiam.

O ser humano é dotado da dimensão corporal e naturalmente está imerso no mundo sensível. Isso faz com que ele veja apenas a distorção do conhecimento verdadeiro e por isso se depara com o erro. Faz-se necessário aplicar um questionamento dialético para que a pessoa que se encontra em um estado de torpor cognitivo decorrente do mundo sensível, desperte dessa sonolência: através de perguntas, dirigir-se de tal modo que desperte no interrogado o advento da contradição. Ele se sentirá motivado, e desafiado a superar essas contradições, podendo assim contemplar a solução verdadeira, a qual ele já conhecia antes mesmo de nascer e que agora passa a recordar, por isso o nome: reminiscência, pois se trata de um conhecimento inato (cf. ARAÚJO; BASTOS FILHO, 2004, p. 354).

Platão por meio de Sócrates prova a teoria da reminiscência e que educar não seria uma imitação do aluno do professor, mas sim “[...] ler de dentro de si mesmo a imagem da verdade refletida na alma” (TEIXEIRA, 1999, p. 53). Logo, educação é lembrar o esquecido. É a saudade de Deus, da verdade e do bem, fim último da educação. Porém, essa realização do bem, exige a prática das virtudes, pois o homem bom é virtuoso e só o é por que é bom. O Homem deve assemelhar-se com Deus. Portanto, o desafio da educação para Platão é tornar o homem humano, pois quanto mais humano, mais ele será parecido com Deus (cf. TEIXEIRA, 1999). E esse “ser humano” deve acontecer dentro da sociedade, onde cada um tem o seu lugar e o seu papel. Por

isso nem todos possuem o espírito apto a filosofia e a governar uma sociedade. Com o exemplo do escravo de Mênon, Platão mostra que o conhecimento não está subordinado a uma classe social, a nobreza, mas que ela assume uma forma mais justa, podendo ser um escravo mais apto a recordação do saber que um nobre.

Convém ressaltar que os diversos diálogos de Platão, apresentam de maneira clara e elegante, a junção entre argumentos racionais, exposições dialéticas e narrativas de mitos e alegorias (cf. PAVIANI, 2008, p. 91). Porém parece contraditório, o uso que Platão faz dos mitos, pois em um primeiro momento crítica e os rejeita, e do outro usa-os para expressar sua filosofia. E um dos exemplos está no *Livro VII de A República*, no que se refere ao *mito da caverna*. A questão fundamental, é que para Platão, os mitos designam alegorias, ou metáforas nos dias de hoje, de modo que não se trata de um recuo ao mitológico, mas ao reflexivo.

Mas afinal qual a relação dessa alegoria para a educação? O objetivo é tratar a respeito da possibilidade de o homem conhecer as coisas na sua transparência, ou seja, da possibilidade de se chegar a verdade. Ele mostra através da alegoria o problema da educação, mostrando o que é a vida do homem segundo a sua influência ou a falta dela (cf. TEIXEIRA, 1999, p. 62).

No que diz respeito a educação, esta consiste em uma provocação e numa ocasião. O educador seria aquele que provoca seu educando, forçando-o a sua desinstalação. Porém isso exige esforço, pois o processo em que incluiu o abandono do mundo das sombras, para o da realidade exige uma reeducação. Assim o processo educati-

vo é dolorido, pois exige mudança. Além disso, o educador é aquele que cria ocasiões que possibilitam o conhecimento e a superação de seu educando. (cf. TEIXEIRA, 1999, p. 64).

Em suma a verdadeira educação consiste em despertar os dotes que dormem na alma, e a dirigi-la rumo ao Bem, à verdade. Porém assim como os olhos não poderiam voltar-se para a luz a não ser dirigindo o corpo inteiro para ela, assim também todo o ser humano deverá voltar-se à verdade. Por esse motivo tal educação se mostra como uma conversão, no sentido em que é preciso “[...] volver ou fazer girar ‘toda a alma’ para a luz da ideia do Bem, que é origem de tudo” (JAEGER, 1995, p. 888). Ela é, portanto, consequência de longos anos de estudo, exigindo do educando tempo e paciência, pois é necessário que a alma se habitue, afim de contemplar não mais as sombras da caverna, objetos iluminados pelo fogo, mas sim, os próprios objetos, iluminados à luz do sol.

A educação segundo João Amós Comênio

Em 28 de março de 1592, nasceu em Nivnice, na Morávia, João Amós Comênio que possuía como um dos seus grandes sonhos a sabedoria universal. Esse foi o motivo que o levou a escrever com o auxílio de outros estudiosos e cientistas, uma enciclopédia de todo o conhecimento humano, inspirada na natureza, na consciência humana e nas Escrituras. Além disso, sempre foi preocupado com a dificuldade de aprendizagem que observava nas crianças, instruídas com métodos deficientes de ensino, o que levava a sociedade cada vez mais a falência.

Tal vivência se dá em uma época em que se grassavam as guerras, dissensões, conflitos religiosos, injustiça e falta de liberdade e de certezas entre os clérigos e as massas. Comênio situado neste cenário de conflitos, procura um instrumento básico para a reforma da sociedade onde a educação seria o instrumento de salvação de todos os homens sem distinção de classes sociais. Mas não a educação vigente, afinal os procedimentos educativos de sua época eram inadequados: não levavam em conta o desenvolvimento da ciência, não existiam livros adequados e o pior, no desenvolvimento dos programas, nada que fosse atracente para as crianças. (cf. NARODOWSKI, 2006, p. 21). O elemento do tempo não estava sendo bem distribuído, ensinavam-se muitas matérias ao mesmo tempo, os dias não estavam delimitados quanto às atividades às quais se destinaram a cada hora, e isso seria alguns dos principais motivos da aversão as letras que os alunos tinham. (cf. NARODOWSKI, 2006, p. 38). E é dentro desse contexto que o pensamento educacional de Comênio emerge para se fazer vigorar.

Uma didática, ou simplesmente uma proposta educacional, é descrita por homens, para homens, ou seja, para um ser humano, na qual o pensador tem conhecimento. Nesse sentido, o conhecimento da concepção de homem que perpassa a obra de Comênio é de suma importância para a compreensão de sua proposta filosófico-educacional que ele delineia para tal. João Luis Gasparim aponta que os elementos-chaves que perpassam sua concepção antropológica “[...] se expressam nas direções conceptuais criacionista, naturalista-

evolutiva, empirista e mecanicista” (GASPARIN, 1997, p. 61).

Ademais, Comênio refere-se ao longo do seu discurso, sobre uma carência da humanidade. Ora, se o homem deve ser formado, é porque esse homem, do contexto ao qual está inserido, encontra-se em um estado de brutalidade e que tem o dever de ser remediado.

A infância é a fase da vida em que se encontra essa simplicidade e por isso se tornam determinantes na série de aprendizdos a serem atingidas, já que nesses anos de vida não existe ainda aprendizagem. A maturidade a que atingem os educandos é possível porque eles partem de um ponto inicial no qual ainda nada havia sido aprendido, ou no qual é mais exequível que se corrija o que foi mal aprendido. (cf. NARODOWSKI, 2006, p. 44).

Tais jovens devem se dirigir às escolas, desde a mais tenra infância. Claro que a responsabilidade primeira é dos pais, pois “[...] assim como foram os autores da vida, sejam também os autores de uma vida racional, honesta e santa” (COMÊNIO, 1957, p. 133). Porém o autor morávio ressalta, que nem sempre o número de afazeres e o preparo por parte dos próprios pais permite isso. Nesse sentido, estes devem confiar a educação de seus filhos a “[...] pessoas escolhidas, notáveis pela sua inteligência e pela pureza dos seus costumes” (COMÊNIO, 1957, p. 134), em um local específico.

O problema é que as escolas de sua época não estavam cumprindo realmente o seu papel e muito menos estavam em condições de cumprir com a pansofia, uma vez que mesmo que os alunos passem a vida dentro da escola, só a duras penas se apro-

ximam de um saber fragmentário. Os métodos aplicados não estimulavam a vontade de aprender o que agravava ainda mais a situação. Ensinavam muitas matérias ao mesmo tempo, os dias não estavam delimitadas quanto às atividades as quais se destinaram a cada hora, isso e outros motivos são o que levam os alunos a aversão as letras (cf. NARODOWSKI, 2006, p. 34-40).

Nesse sentido a preocupação do autor morávio recai em aplicar ordem à sequencição do desenvolvimento da formação, pois até então, a escola medieval dos clérigos e mercadores não distinguia as idades dos alunos e não se especificavam critérios de categorização por idade ou grau de dificuldade. É Comênio que concentra em nomear a infância por motivos relacionados com a ordem inerente às coisas. Assim o autor conclui que a variável sobre a qual recai toda ênfase na análise é o método mediante o qual essa infância será formada. É em torno dessa preocupação que ele inscreve o objetivo da *Didática Magna*, “[...] discurso universalizante que funda as bases da grande maquinaria metódica e racional do processamento do corpo infantil” (NARODOWSKI, 2006, p. 47).

Diante de tudo isso que foi afirmado, fica clara a responsabilidade que a educação tem na vida do ser humano. Por isso, Comênio propõe sua *Didática Magna* ou o *Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*, afinal dessa forma:

[...] formada nos estudos, educada nos bons costumes, impregnada de piedade, e, desta maneira, possa ser, nos anos da puberdade, instruída em tudo o que diz respeito à vida presente e à futura, com eco-

nomia de tempo e de fadiga, com agrado e com solidez (COMÊNIO, 1957, p. 43).

“[...] importa agora demonstrar que, nas escolas, se deve ensinar tudo a todos” (COMÊNIO, 1957, p. 145). Este seria o “ideal pansófico”, a utopia à qual aspira Comênio e sobre a qual se baseia qualquer pretensão pedagógica, uma vez que é preciso que o homem seja formado para entrar no universo estritamente humano. Porém convém explicar do que esse ideal se trata.

Em um primeiro momento, o pedagogo morávio insiste que ninguém deve ficar fora dessa pansofia, pois o ensino está destinado a “todos”. Este por sua vez, significa “todas as idades”, ou seja, que cada idade tem sua correspondente etapa escolar, conforme de sequencição e ordem racional da natureza (cf. NARODOWSKI, 2006, p. 27).

Ao admitir uma educação a todos, Comenius mostra-se profundamente interessado em propor uma democratização do ensino. Para ele, todos deveriam ter acesso ao conhecimento e também à educação, uma vez que todas as pessoas são filhos de Deus, desenhados a sua imagem e semelhança.

Mas quando analisamos na prática, existem uma diversidade de mentes, cada qual com suas qualidades e dificuldades, dessa maneira então, como educar todos os jovens de índole e inteligências tão diversas? A resposta disso, segundo o autor morávio, estaria no método, que põem em equilíbrio os excessos e as influências das inteligências, e reduz tudo a uma espécie de harmonia e de suave concerto. Assim o seu método encontra-se adaptado as inteligências médias, de maneira que, nem falem os

freios para moderar as inteligências mais sutis, e nem o estímulo para incitar os mais lentos.

Por outro lado, o que Comênio entende por tudo? Segundo suas próprias palavras:

Isto não quer dizer, todavia, que exijamos a todos o conhecimento de todas as ciências e de todas as artes. [...] pretendemos apenas que se ensine a todos a conhecer os fundamentos, as razões e os objectivos [sic] de todas as coisas principais, das que existem na natureza como das que se fabricam, pois somos colocados no mundo, não somente para que nos façamos de espectadores, mas também de actores [sic] (COMÊNIO, 1957, p. 103).

Disso se segue pelo fato de que ao criar o ser humano, segundo Ele mesmo, Deus armou de uma mente infinita e adicionou órgãos que servem de auxílio em relação ao conhecimento, pois é por meio deles que a mente chega aos objetos externos de maneira geral (aqui entra o aspecto da natureza do homem, assunto já tratado anteriormente). “Daí se segue que nada existe no mundo que o homem, dotado de sentidos e de razão, não consiga aprender” (COMÊNIO, 1957, p. 103). Por isso o ensinar “tudo” não se trata de possuir o conhecimento de todas as ciências e artes, mas sim, os fundamentos, as razões e de certa forma os objetivos das principais coisas. Estas podem ser classificadas em: coisas que são objeto de observação, como o céu e a terra; objetos de imitação tal qual a ordem que existe no mundo e que o homem deve seguir; e por fim os objetos de fruição, como por exemplo o favor da divindade. Além disso, para que o homem seja formado em sua

plenitude, deve que tudo o que é ensinado e por ele aprendido seja: I. Íntegro e parcial; II. Profundo e real; III. Doce, agradável e duradouro.

Esse “ensinar tudo a todos” pode transformar-se em “aprender tudo por todos”, assim como manda a caridade divina, para a salvação de todo o gênero humano. A formação do homem, segue, portanto, as pegadas da natureza, mas cabe aos governantes construir escolas para a juventude, na qual reunidos em grande número possam formar, adquirir melhor qualidade em conjunto num grupo maior, onde há troca de ensinamentos e experiências. (cf. ARRUDA, 2007, p. 53).

Para se prolongar a vida, de modo que se aprenda tudo o que é necessário, é preciso, segundo o autor morávio, observar duas coisas: “I. Defender o corpo das doenças e da morte; II. Dispor a mente a fazer tudo com sensatez” (COMÊNIO, 1957, p. 198). O corpo também é um elemento fundamental para Comênio, afinal ele é a habitação da alma e também do seu órgão que é o pensar. Esse a exemplo de uma árvore necessita de: uma dieta moderada e simples de fácil digestão; de transpiração o que recorre a necessidade de ginástica e de exercícios; e por fim de repouso alternado, desse modo “Uma grande parte, portanto, de uma boa organização escolar deverá ser procurada numa conveniente repartição do trabalho e do repouso, das férias e dos recreios” (COMÊNIO, 1957, p. 201). O segundo ponto diz respeito à sensatez de utilizar bem o tempo de trabalho, pois se sabe fazer bom uso da vida, ela se torna suficientemente longa.

Dessa forma o método universal comeniano se baseia nos processos harmônicos da natureza em um conceito de instrução para toda a vida e aberta a todos, uma concepção unitária do saber que luta por uma educação para a paz e a unidade, compreensão entre todas as nações do mundo, afinal segundo Comênio a *Didática Magna* é o “Processo seguro e excelente de instituir, em todas as comunidades de qualquer Reino cristão, cidades e aldeias, escolas tais que toda a juventude de um e de outro sexo, sem exceptuar [sic] ninguém em parte alguma [...]” (COMÊNIO, 1957, p. 43).

Disso pode-se afirmar que o plano de ação que guiará o ensino será completamente pela economia de tempo. A especificidade do ensino escolar será a abreviada rapidez. A partir disso, o autor morávio constitui um dos mais importantes mecanismos da educação escolar: a instrução simultânea, resultado de uma análise sobre as falhas da educação na época. Esta por sua vez protege o controle e a harmonia das instituições educacionais e encontra no calendário escolar o exemplo da sua mais fiel realização. Ela faz com que desapareça a desordem e a irracionalidade com o qual trabalhavam os professores em sua época. Essa simultaneidade se expressa em dois níveis: um, no nível do estabelecimento escolar e no outro, no nível das salas de aula.

Quanto ao primeiro apenas um preceptor dirige cada escola, ou melhor, uma só turma, com o que se eliminam os múltiplos professores atuando no mesmo âmbito. Quanto à simultaneidade no nível da sala de aula, a instrução não deve dirigir-se a cada aluno separado, mas se deve educar todos ao mesmo tempo e de uma só vez, ou

seja, apenas um professor ensinando um grupo de alunos, num único e organizado esforço didático (cf. NARODOWSKI, 2006, p. 66-70).

Diante das diversidades das inteligências, Comênio propõe um método que atendesse as inteligências médias, de maneira que o professor pudesse instruir, educar e formar todos os jovens em um único método. Este por sua vez busca o equilíbrio entre os excessos e as insuficiências das inteligências, ela é fundada na natureza e deve ser utilizada em todos os domínios: ciências, artes, língua, moral e religião, de modo que nem falte os freios para moderar as inteligências mais sutis, e nem o estímulo para incitar os mais lentos.

Por fim, para atender a essa educação universal os professores devem ser os mais seletos dos homens, piedosos, dignos e honestos; diligentes, trabalhadores e prudentes. Um bom professor para Comênio deveria dominar os conteúdos, conhecer os métodos adequados para ensinar, e conhecer os fins de sua profissão. Deveria aplicar em sala de aula a metodologia comeniana, na motivação do educando, despertando neles o desejo de saber e facilitando-lhe a compreensão da utilidade prática dos conteúdos. Deve também manter a ordem, uma vez que também faz parte de seu ideal a “[...] ordem exacta [sic] em tudo” (COMÊNIO, 1957, p. 181), utilizando da disciplina quando preciso. Assim, professor e aluno obedecem a uma relação de respeito e de autoridade, sem que isso impeça uma proximidade que permita um mútuo aprendizado (Cf. ARRUDA, 2007, p. 59-61).

Reflexões acerca da educação: um contraponto entre Platão e Comênio

Ao tratar sobre a temática da educação, emerge a necessidade de entrar em dois pontos essenciais, que já foram abordados nos eixos anteriores, mas que não foram tratados no sentido da relação em si. Trata-se então da relação entre mestre-aprendiz, que se encontra dentro do processo educativo. Claro que tal relação não se limita apenas dentro de uma sala de aula – constituída e pensada como nos dias de hoje – mas que é muito mais amplo e mais profundo. A questão é: como se dá essa relação para ambos os autores? Se tal relação acontece de quem é o foco principal? Seria o do mestre que ensina ou do aluno que aprende?

Em um primeiro momento, quando se analisa esses dois pontos essenciais, é que ambos os autores tratam dessa relação diferentemente, visto nas suas próprias propostas educacionais. Novamente remetendo ao livro VII de *A República*, de Platão e retomando uma passagem já aqui citada na qual o autor afirma: “[...] a educação não é o que muitos indevidamente proclamam, quando se dizem capazes de enfiar na alma o conhecimento que nela não existe” (PLATÃO, 2000, p. 324) ou ainda “[...] o que denominamos a aprender será a recuperação de um conhecimento muito nosso” (PLATÃO, 2000, p. 52).

Estas e outras citações, que remetem justamente a teoria da reminiscência, admitem uma preocupação maior no indivíduo, enquanto tal. Seria o aprendiz que deveria voltar-se para a sua alma, a fim de relembrar o conhecimento já contemplado um dia por ela, mas que acabou caindo em um

esquecimento. A questão é que, se o foco principal é o aprendiz, como fica o mestre nesta relação? Reconhecer isso seria afirmar que aquele que se coloca como aluno é quem tira de sua alma o conhecimento que já estava lá. Ora, estando as ideias inatas no ser humano, é possível afirmar que não haveria muita necessidade do professor, ou do mestre que ensina. Mas então como explicar o papel dos magistrados no que tange à música e à ginástica, que tratam justamente do ensino como disciplina, visto que o próprio Platão afirma: “A lei entende por magistrados educadores os supervisores dos ginásios e escolas, que estão encarregados tanto da disciplina e do ensino quanto o controle dos comparecimentos e da acomodação de meninos e meninas” (PLATÃO, 2010, p. 246).

Para solucionar tal problema, a primeira coisa é identificar qual é o papel do professor para Platão, pois ao afirmar o inatismo, e que o conhecimento vem da alma do ser humano, é muito fácil cair no erro de interpretação como o de que Platão defende o individualismo.

Nesse sentido o mestre seria aquele que se ocuparia em incitar os outros a ocuparem-se consigo mesmos. Seria o parteiro, como nas falas de *Teeteto*, onde Sócrates, assumindo o papel de mestre, não dá um conhecimento exterior, mas faz o jovem dar à luz a verdade que já estava contida em sua alma:

Tudo o que é verdadeiro acerca da arte do parto delas também o é com relação a minha. A diferença entre uma e outra está em que a minha é praticada em homens, não em mulheres, e no cuidado de suas almas em dores do parto, e não de seus

corpos. Mas o que há de mais extensivo na minha arte é sua capacidade de testar, de todas as maneiras possíveis, se o intelecto do jovem está gerando uma mera imagem, uma falsidade, ou uma genuína verdade (PLATÃO, 2007, p. 54).

Além disso, na alegoria da caverna, é possível destacar dois modos de como acontece essa acesse do Homem ao mundo inteligível: primeiro a do ato em que o homem se liberta por si só de suas correntes para contemplar, não mais as sombras, mas os próprios objetos (cf. PLATÃO, 2000, p. 320). O segundo movimento em que o homem pode ser libertado da ignorância, seria se outros o conduzissem, mesmo que seja forçado e que sofresse, mas com uma finalidade mais nobre.

Para Comênio torna-se evidente a importância do professor nesta relação, principalmente pela sua própria teoria de conhecimento, baseada em um certo empirismo, e por isso a comparação dele com um mecânico que imprime o conhecimento nas inteligências dos alunos. Seguindo nesta lógica, os alunos seriam comparados ao papel, no qual devem ser impressos o conhecimento, os tipos são os livros e os instrumentos, a tinta é a viva voz do professor que transfere o significado dos livros às mentes dos alunos onde o prelo é comparada a disciplina (cf. COMÊNIO, 1957, p. 459).

Porém, mesmo possuindo posturas diferentes nesse aspecto, o fato de que o professor ou o mestre não reduz a educação simplesmente a uma transmissão de informações e de técnicas, mas sim abrange uma conversão do próprio indivíduo como um todo, uma mudança ontológica no ser, que

possibilita a relação com a verdade, seja esta encontrada em uma conversão do olhar, voltada para a alma no caso de Platão, ou todo uma didática que permite o retorno do ser humano a sua verdade plena, que se encontra, para Comênio, em Deus. Afinal é no encontro com essa verdade que o ser humano se completa, e se torna realmente um homem. Por isso ambos os autores concordam com a mesma citação de Platão:

O ser humano, nós o afirmamos, é uma criatura doméstica, civilizada e, no entanto, se por um lado graças a uma correta educação combinada a uma felicidade natural se converte ordinariamente na mais divina e a mais dócil criatura de todas as criaturas, à falta de educação suficiente e bem orientada, é a mais selvagem de todas sobre a Terra (PLATÃO, 2010, p. 248).

Afinal para ambos, o homem só se torna um verdadeiro homem se é bem-educado. Ensinar tudo a todos é o ideal utópico de Comênio que perpassa todo o seu pensamento, principalmente no decorrer de sua *Didática Magna*, onde propõe uma arte de ensinar com esse objetivo. Acontece que tal tese anunciada ao ar, fora do contexto ou das linhas de pensamento de Comênio, parece um pouco absurda. Contudo no capítulo anterior foi explicitado o que ele entende com esse ideal. Que não se trata de “todas” as ciências e artes, mas daquilo que ele considera essencial para educação, e que o “todos”, requer admitir uma “democratização do ensino”, considerando a finalidade última que ele propõe para o ensino. “Nós ousamos prometer uma *Didática Magna*, isto é, um método univer-

sal de ensinar tudo a todos” (COMÊNIO, 1957, p. 45).

Os professores, assim como todo o processo educativo, que não deve ser muito demorado e cansativo, tende a fazer uma conversão do sujeito, ou do educando, a fim de que possam conhecerem-se a si mesmos, e consigo todas as coisas; governar-se; e por fim dirigir-se para Deus (cf. COMÊNIO, 1957, p. 95). Essa é a conversão ontológica que a educação deve proporcionar. Ora, todos os seres humanos são filhos de Deus, e a ele devem voltar, conforme a sua finalidade última. É em Deus que o ser humano se completa plenamente, e por isso a educação não é um mérito por ter adquirido saberes, mas algo que possibilita o aperfeiçoamento máximo da pessoa humana, que seria a sua realização.

Esta seria a principal justificativa de tal ideal, e o porquê de o ensino ser algo para todos, visto que todos têm a aptidão a aprender, e que as sementes da instrução, da moral e da religião, são postas no ser humano pela natureza, o que justifica o “aprender tudo”.

Platão não tem essa mesma visão. Para ele o homem possui aptidões de acordo com sua alma. Outra questão divergente da de Comênio é o fim que a educação possui, que não visa o encontro com Deus, mas possui um aspecto social. Claro que visando a felicidade de cada homem, mas dentro de uma perspectiva da sociedade. Nesse sentido, a resposta de Platão a respeito dessa problemática, pode ser vista na sua explicação de como o Estado deve ser organizado, e da noção de justiça, com a qual o mesmo deve ser governado.

Segundo Giovanni Reale, referindo-se a estrutura da república platônica, afirma: “Construir a Cidade significa conhecer o homem seu lugar no universo” (REALE, 1990, p. 162). Segundo ele, para Platão, um Estado nasce por que o homem não é autárquico, ou seja, não se basta a si mesmo, e necessita do serviço de muitos outros homens.

Isto já é uma resposta de Platão de que as pessoas não são iguais, mas que cada uma possui um papel diferenciado dentro do Estado, ou da Cidade, como argumenta Reale. Mas isso acontece porque, para Platão, cada ser nasce com aptidões diferentes, e a educação seria o principal responsável por demonstrá-las quais elas são. “[...] ocorreu-me que não somos iguais por natureza, mas nascemos com disposições diferentes, cada um com mais jeito para determinado trabalho [...]” (PLATÃO, 2000, p. 111).

Por isso também que não são todos que conseguem atingir a plena sabedoria, ou o mundo das ideias, o que se refere que não é possível ensinar tudo a todos. É também por isso, que a educação segue fazendo esse processo de seleção ao longo da vida, e que o filósofo, só o será após completar cinquenta anos, afinal:

[...] as lembranças desta contemplação não se acordam em todas as almas com a mesma facilidade. Uma apenas entreviu o Ser verdadeiro; outra, após a sua queda, foi impelida pela injustiça e esqueceu os mistérios sagrados que um dia contemplou. Portanto, são poucas as almas cuja recordação é bastante clara (PLATÃO, 1954, p. 223).

Essas aptidões podem começar a ser percebidas desde a infância na qual mais intensamente atrai a criança durante uma brincadeira, mas cabe ao mestre, ajudá-la a discernir a faculdade de sua alma (cf. PLATÃO, 2000, p. 92), pois assim como a parteira, o mestre sabe, mais do que qualquer outro, quem possui a capacidade de parir ideias e quem não. “[...] Não é, também, provável e, inclusive, necessário que as parteiras saibam melhor do que quaisquer outras pessoas quem está grávida e quem não?” (PLATÃO, 2000, p. 52).

Deste modo a educação para ambos os pensadores deve começar desde cedo, visando a maior facilidade de se começar desde muito jovem, porém para Platão a educação leva muitos anos para se findar, enquanto que para Comênio, com a sua didática, a educação é mais rápida. Todavia, Platão não compartilha da mesma ideia de Comênio, justamente pela virtude da justiça, com a qual deve ser o Estado governado, e que cada um desempenha um papel dentro dela, enquanto que para Comênio, o objetivo é o encontro novamente com Deus através sua visão antropológica.

Percebe-se alguns traços da proposta educacional de Comênio na Declaração Universal dos Direitos Humanos:

1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional dever ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. 2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fun-

damentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. 3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos (D.U.D.H, 2015, Art. 26).

O próprio objetivo de sua Didática é que não se eduque para a plenitude humana um homem só, ou alguns, ou muitos, mas todos; que cada um seja formado integralmente, não apenas em uma coisa, ou em poucas, ou em muitas, mas em todas as coisas, universalmente, isto é, de modo a nada ignorar das coisas necessárias. (cf. GASPARIN, 1997, p. 92). Assim também inclui os deficientes mentais, que merecem maior cuidado: “[...] Quanto mais retardada e infeliz for a natureza de alguém, maior é a sua necessidade de ajuda” (CARDOSO, 2014, p. 87). Assim como a Declaração da UNESCO, sobre esse tema: “As necessidades básicas de aprendizagem das pessoas portadoras de deficiências requerem atenção especial” (UNESCO, 1990 *apud* CARDOSO, 2014, p. 87).

Contudo antes mesmo de Comênio, Platão havia descrito uma educação, que não visa somente a transmissão de conceitos, ou de meras informações, mas sim a globalidade do ser humano. Supõe-se nesse sentido um novo olhar para o seu interior e para a sua alma, mas também para o cuidado de si, que inclui também o corpo. Não é à toa que assim como os gregos, segue o princípio que deve-se iniciar a educação pela ginástica, a fim de que um corpo são possibilitasse o desenvolvimento de uma mente sã (cf. SANTOS, 2013, p. 51). A

educação deve iniciar desde a infância, assunto que Comênio também tratou, e continuar durante toda a vida. A educação não se completa por apenas alguns anos de estudo, mas deve ser contínua, mesmo que essa não seja fácil, o que leva ao termo da formação permanente.

Acontece que aquilo que está escrito como direito fundamental do homem, nem sempre é cumprido, ou se é, não se visa mais o desenvolvimento integral do ser humano, vê-se cada vez mais professores incapacitados e alunos desinteressados. Foca-se agora na educação dentro do contexto escolar. Ao entrar em uma sala de aula, embora a educação não se limite somente a isso, o professor se depara com diversos estudantes, muitas vezes em demasia por sala de aula, com o dever de ensinar (cf. SANTOS, 2013, p. 59). Mas como ele deve se portar diante de uma turma, que possui como base um ser humano complexo? Ele deve se portar mediante uma perspectiva platônica, na qual cada um possui uma aptidão diferente, de modo que nem todos vão chegar ao conhecimento pleno, ou comeniana onde se parte de uma perspectiva de que todos podem aprender tudo?

Primeiramente, é fato que todo ser humano possui racionalidade, ou seja, possui uma estrutura mental complexa, capaz de pensar, articular ideias e pensamentos. Somente se é ser humano quando se possui uma unidade entre corpo psique e espírito, segundo Lima Vaz. De modo que a morte do encéfalo, leva a dissolução desse ser humano. Possuindo racionalidade, se supõe que todos os homens possuem capacidade de aprender conteúdos, (com ressalvas àqueles que são portadores de necessidades

especiais), mesmo que o tempo varie de uma pessoa ou outra, o que demonstra a possibilidade da postura comeniana.

Por outro lado, é fato também reconhecer que pessoas possuem aptidões diferentes, como aqueles que demonstram grande facilidade em aprender determinado conteúdo, enquanto outros possuem extrema dificuldades, ou pessoas que demoram anos e talvez nunca aprendem a tocar um instrumento, enquanto outros aprendem em poucas semanas. Porém essas são apenas suposições, mas que se verificam no dia a dia das pessoas em geral. Outra questão seria considerar as condições diversas que os alunos se apresentam, sejam elas por contextos econômicos ou sociais, problemas familiares ou psíquicos, e que muito influenciam no aprendizado dentro de uma sala de aula. O que justificaria a atitude platônica de ensino.

O grande problema é que, se o professor partir de uma perspectiva de que nem todos os seus alunos, ou na maioria deles, não chegarão ao pleno desenvolvimento dos conteúdos, visto que cada um possui uma aptidão diferente, e se esse mesmo professor começar a selecionar os “melhores”, os demais estudantes (aqueles que de certa forma não possuem o nível intelectual mais elevado) desanimarão. Se as escolas já possuem alunos desinteressados com os conteúdos, isso só irá piorar. Acontece que além disso, o desinteresse é apenas a consequência. Não há um método preciso que vise selecionar as pessoas mais qualificadas. Por mais que Platão insistisse na análise durante vários anos, ainda sim é impreciso. Não deve ser desconsiderado que talvez existam conhecimentos inatos ao homem,

assim como demonstram os autodidatas, e que as pessoas apresentam aptidões diferentes, mas afirmar com precisão que essas pessoas nunca chegarão a alcançar aquele o outro conhecimento é praticamente impossível. Nesse sentido o método de Comênio parece ser na prática mais ético, e mais funcional dentro de uma sala de aula.

Partindo de uma perspectiva de que é possível sim ensinar tudo a todos, dentro do contexto comeniano, o professor procura elevar ao máximo a capacidade de cada aluno. Ou seja, mesmo que Platão estivesse certo, da existência de espíritos mais aptos que outros, por motivos práticos, e pela imprecisão do método de selecionamento, essa perspectiva de Comênio permite elevar todos ao seu nível máximo, mesmo que os mesmos sejam disformes. Porém tal afirmação, não diminui em nada, a proposta educativa de Platão.

Considerações finais

A proposta educacional de Platão visa extrair do próprio homem o conhecimento que estaria inato em sua alma. Neste processo se identificaria a parte da alma predominante em cada indivíduo, uma vez que, para Platão, o ser humano possui aptidões diferentes, o que identificaria o papel de cada um no Estado. O estudo filosófico não era para qualquer pessoa, mas sim à que possuísse um espírito mais aguçado e capaz, já disposto pela natureza. A disciplina responsável por essa seleção, ou identificação dos tipos de almas predominantes, seria a Matemática. Ela demonstraria os espíritos mais aptos aos tipos de conhecimento, uma vez que este processo, o de se deligar do mundo sensível e acessar a verdade que se

encontra no mundo inteligível, é árduo e penoso, e necessita muitos anos para a sua completude.

Para o precursor da didática moderna, João Amós Comênio a educação deveria atingir um ideal pansófico, ou seja, o de ensinar tudo a todos. Pelo pecado original, a corrupção humana tomou conta de toda a humanidade. Nesse sentido, seria a educação o meio para o ser humano se dirigir novamente ao céu, seu fim último. Partindo da perspectiva de que Deus deu ao homem uma mente infinita e órgãos sensíveis, o que possibilita a capacidade de aprender, o ser humano deveria através da educação formar uma sólida formação intelectual, no sentido da instrução, onde se conhece os fundamentos de todas as coisas; adquirir uma moral digna; e uma profunda piedade. Isso deveria ser feito sem enfado, e o mais rápido possível, começando desde a infância, devido a brevidade da vida. Deste modo, tornando-se universalmente sábios o mundo ficaria cheio de ordem e de paz, e conduziria o ser humano a tornar-se verdadeiramente humano, conforme a sua essência.

O inatismo é a base de todo o pensamento de Platão, justificando assim sua teoria do mundo das ideias. Contudo, para Comênio, embora demonstrando argumentos empíricos de aprendizagem, o educador argumenta que a natureza colocou as raízes da instrução da moral e da religião, na alma de cada ser humano. Assim ficou claro que o inatismo comeniano não se assemelha ao platônico, pois o que é inato somente é a aptidão a aprender, e não o próprio conhecimento como afirmava Platão.

No que tange a relação existente entre mestre – aprendiz, ou professor – aluno, viu-se que aquele que ensina deve proporcionar ao educando uma conversão ontológica de si, uma vez que só se torna verdadeiramente homem se for corretamente educado. É no encontro com a verdade que o indivíduo se realiza plenamente. Nesse sentido, o professor ou mestre seria aquele que faria com que o aluno voltasse o olhar para o cuidado de si mesmo, de sua alma, de seu próprio ser.

É possível ensinar tudo a todos? Para Comênio isso é possível dentro de sua própria perspectiva. Já Platão possui uma visão divergente nesse ponto. Segundo Platão, cada indivíduo possui uma classe de alma diferenciada. Por exemplo, alguns nasceram para ser agricultores, artesãos, e isso já é próprio da alma de cada um. Outros nasceram para ser guardiões e alguns poucos filósofos, aqueles que seriam responsáveis por comandar o Estado. Estas seriam as três classes existentes dentro de uma Cidade. Em cada alma haveria uma virtude predominante como a temperança na primeira, a coragem na segunda e a sabedoria na terceira. Isso é o primeiro passo para afirmar

que nem todos possuem a mesma capacidade, pois esta classificação ocorre durante o processo educativo, no qual se demonstram espíritos mais aptos a determinadas classes. Nem todo ser humano consegue acessar o mundo inteligível, pois as memórias não são tão claras para todos. Dessa forma, viu-se que não é possível ensinar tudo a todos para Platão.

Assim ficou claro que, se partíssemos de uma pedagogia platônica, haveria mais alunos abatidos, principalmente aqueles que já sabem que não tem a capacidade de conhecer determinados assuntos ou conteúdos. Partindo do pressuposto de que é possível ensinar tudo a todos, não ignorando é claro que existam inteligências mais apuradas que outras, o professor nivela sempre a disposição de conteúdo ao máximo, de modo que mesmo que existam inteligências diferentes entre si, no que se refere a capacidade de aprendizado, todos terão suas potencialidades elevadas ao máximo. Portanto, nessa perspectiva conclui-se que é mais ético agir na postura comeniana do que na platônica, o que não exclui influências e pontos positivos da proposta platônica.

Referências

ANDRADE, Weverson Marques de. **Princípios éticos na teologia de João Amós Comenius**. Disponível em: <http://www.revistatheos.com.br/Artigos/2014_07/5_weverson.pdf>. Acesso em: 17 Jul. 2015.

ARAÚJO, Tácio J. M.; BASTOS FILHO, Jenner Barretto. A teoria platônica da reminiscência poderia dirimir o conflito entre construtivismo e inatismo? **Caderno Brasileiro de ensino da Física**. Alagoas: UFSC, v. 21, n. 3, p. 350-376, dez. 2004.

ARRUDA, Gracione Maia Pereira da Costa. **A contribuição de João Amós Comenius para a educação infantil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.

CARDOSO, Karina Litardi Pereira. **Comenius e o direito à educação: A visão pioneira a caminho da universalidade**. 2014. 106 p. Dissertação [Mestrado em Educação], Universidade Metodista de São Paulo FAHUD, São Bernardo do Campo, 2014.

COMÊNIO, João Amós. **Didática magna: Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos**. Tradução e introdução de Joaquim Ferreira Gomes. 3. ed. Lisboa: Academia Scientiarum Bohemoslovenica, 1957.

COMENIUS, J. A. **Didática magna**. São Paulo: Martins fontes, 1997.

DALBOSCO, Claudio A. Educação e formas de conhecimento: do inatismo antigo (Platão) e da educação natural moderna (Rosseau). **Educação**. Porto Alegre: PUCRS, v. 35, n. 2, p. 268-276, mai/ago. 2012.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Art. 26**. Disponível em: <http://www.ohchr.org/EM/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf>. Acesso em: 12 out. 2015.

GASPARIN, João Luis. **Comênio: A emergência da modernidade na educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

JAEGER, Werner. **Paidéia: A formação do homem grego**. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na antiguidade**. Tradução de Márcio Leônidas Casanova. 3. ed. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária (E.P.U.), 1975.

MONDOLFO, Rodolfo. **O pensamento antigo**. São Paulo: Mestre Jou, 1967.

NARODOWSKI Mariano. **Comenius e a educação**. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

REALE, Giovanni; Antiseri, Dario. **História da filosofia: Filosofia pagã antiga**. V. 1 Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e idade Média**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1990.

ROYER, Arcielli; SENS, Tânia P. S.; CONCEIÇÃO, Gilmar H. Comenius: o precursor da pedagogia moderna. *Educere et educare*. **Revista de educação**. Cascavel: Unioeste, n. 1, p. 37-40, jan./jun. 2006.

PAVIANI, Jayme. **Platão e a Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

PLATÃO. **Carta VII**: Sobre a vida política do filósofo. Tradução de Alberto Machado Cruz. Portugal: Livraria Educação Nacional, 1941.

PLATÃO. **O Banquete, Fédon, Sofista, O Político**. *In: Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto (ou do conhecimento), Sofista (ou do ser), Protágoras (ou sofistas). Trad. de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2007.

PLATÃO. **Diálogos**: A República. Trad. de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000.

PLATÃO. **Mênon**. Trad. de Maura Inglêsias. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Loyola, 2001.

SANTOS, José Francisco dos. **Para refletir**: Artigos para reflexão e discussão em filosofia, ética e temas transversais. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Pulo: Paulus, 1999.

Recebido em: 22/09/2016
Aprovado em: 30/10/2016